

Arrivons dimanche

(Foujita no Rio de Janeiro)*

Alfredo Grieco

O Rio é magnífico. Sol soberbo. Claridade deslumbrante. Natureza rica em colorido. E, sobretudo, estou profundamente sensibilizado pela amabilidade da encantadora gente brasileira.

Foujita, depoimento
para *A Noite Ilustrada*

Quando duas culturas se encontram, muitas vezes o mais provável resultado é a aniquilação completa de uma delas. Há exceções, entretanto, alguns casos isolados em que o encontro intercultural pode gerar bons lucros para todos. Certamente um exemplo saboroso de fusão cultural muitíssimo bem sucedida estaria em um prato japonês, o *tempurá*, corruptela da palavra portuguesa tempêro. Os japoneses, ao observarem navegantes portugueses do século 16 refogar peixes e legumes – após caprichar no tempero – adotaram a prática enquanto corrompiam o vernáculo. Tempero transformou-se em *tempurá*, hoje globalizado. Assim, o diálogo entre duas civilizações nem sempre precisa acabar mal.

Ao desembarcar no Rio, em novembro de 1931, o pintor Tsugouharu Foujita (1886-1968) estendia aos trópicos a sua triunfante participação na cultura européia. Foujita trazia, além de pincéis e telas, além da efervescência cultural e cosmopolita parisiense (em virtude da qual conhecera Portinari, então em prêmio de viagem, de quem ficou amigo. Portinari será seu “anfitrião” no Rio), trazia uma novidade: a arte da comunicação com a imprensa. Um artista plástico faz relações públicas? Novidade. Oferecer trabalhos e dar autógrafos

aos jornais?, como fez no Rio: *Au grand journal "carioca" le Globe, salutations de Foujita*. De certa forma ele foi o primeiro *media star* do mundo da arte. Não será exagerado dizer que ele era tão famoso em Paris (e em qualquer lugar onde houvesse afluentes culturais do Sena...) quanto algumas poucas estrelas do mundo da música dessa época, como Josephine Baker ou Mistinguett.



(Fig. 1) Fojita em Paris, circa 1930 (sem identificação de autor).

Fojita desenvolvera uma sensibilidade particular para com a imprensa – que, dito de maneira breve, simplesmente o adorava. Já ao chegar o artista atraía a atenção de todos em Paris ao desfilarem pelas ruas de Montparnasse de sandálias (feitas por ele), vestindo uma túnica grega (de pano tecido por ele), ao lado de um artista seu amigo, Kawashima (que mais tarde publicará memórias sobre esta época), semelhantemente “trajado”¹. Em *Kiki's Paris – Artists and Lovers 1900-1930*, uma gigantesca fotobiografia cultural sobre Montparnasse, os pesquisadores Billy Klüver e Julie Martin, citando depoimento de época, lem-

bram que *They were a great success at parties*². Foujita aparece em quase todas as fotos de festas, fantasiado de palhaço, de cancanista, ou então impecável de *smoking* (aliás uma das coisas que fez no Rio de Janeiro foi encomendar *smoking* novo para um baile de fim-de-ano em 1931), ou vestindo roupas por ele mesmo criadas, na Riviera. De túnica e sandália foi fotografado; e chegou a ser retratado, em óleo sobre tela, por ninguém menos que Diego Rivera, que também fez escola em Paris.

Todo desenho, ilustração, ou caricatura sobre Montparnasse no final dos anos 20 trazia seu rosto, com a sua logomarca que era a franja, o bigodinho, e os óculos de aro redondo. Suas brincadeiras eram acompanhadas pelas colunas sociais e suas festas à fantasia estavam nas manchetes.³

Nascido em família da casta samurai (o pai era médico do exército imperial, com patente de general), Foujita cursou Belas Artes em Tóquio, onde estudou com Kuroda Seiki, que por sua vez freqüentara a Academia Colarossi em Paris, em 1880. As benesses do período Meiji não tinham ficado limitadas à centralização governamental e à indústria de guerra, mas tinham se estendido ao ensino. Escolas de arte ofereciam cursos sobre “pintura ocidental”. É como se Paris recrutasse alunos em Tóquio, e assim, como o seu mestre, Foujita também emigra para a França em 1913, aos 27 anos, onde rapidamente penetra no grande movimento artístico europeu do entreguerra, um movimento quase impossível tanto de periodizar quanto de batizar: a chamada (...) Escola de Paris, rótulo que engloba uma quantidade de artistas que foram residentes na capital francesa por cerca de trinta ou quarenta anos (ou cinqüenta?), pelo menos (Picasso e Modigliani são os exemplos mais citados de tantos estrangeiros - alguns brasileiros - que deixaram seus países para viver em Paris. Muitos acabavam mal. Modigliani, por exemplo, morreu aos 36 anos de pneumonia porque tinha ficado sem dinheiro para comprar lenha).

A arte de Foujita explode na cena parisiense. Em 1917 o *marchand* Georges Chéron organiza sua primeira exposição individual; em 1922, Foujita é uma sensação no Salão de Outono, com a tela *Nu Couché à la Toile de Jouy*, para a qual aliás posou como modelo a própria Kiki de Montparnasse, Kiki ícone cultural e figura central de Montparnasse e modelo predileta dos artistas do bairro, Kiki para cujas memórias (publicadas em 1929) Hemingway faria um panegírico prefácio escrevendo entre outras coisas que “Kiki now looks like a monument to herself and to the era of Montparnasse...”⁴.

Relembrando *Nu Couché*, Foujita diria que “pela manhã, todos os jornais falavam do quadro; ao meio dia, o Ministro me deu parabéns; naquela noite, um grande colecionador comprou a tela por 8.000 francos”.⁵ Logo Foujita conhece a fama: “By the mid-1920s, Foujita was an extremely successful painter”.⁶ Em 1924, outro sucesso artístico no Salão de Outono: *Youki déesse de la neige*, uma tela grande (um nu de sua mulher, Lucie Badoul, que ele logo rebatizara de Youki), que é admirada por Picasso. Em 1925, quando Foujita recebe a *Légion d’Honneur*, o pintor pode ser visto como tendo chegado ao ápice da hierarquia francesa. Tanto sucesso às vezes pode trazer conseqüências adversas, e Foujita passou por elas. Sua notoriedade atraiu o interesse da fiscalização do imposto de renda, o que levou o governo francês a exigir do *légionnaire* pronto pagamento de 100.000 francos (em 8 dias...). Essa aliás foi a principal razão que levou o artista a iniciar um longo período de viagens pelo mundo, em busca de exposições com que pudesse fazer caixa. As primeiras foram em Tóquio, depois seguiram-se mais exposições nos EUA, depois América Latina, Brasil, Argentina, Cuba, Peru, Bolívia, e o México, onde ficou por sete meses.



(Fig. 2) Henri Broca, caricatura de Foujita rico, circa 1930.

Uma reviravolta sentimental também pode ter atrapalhado a estabilidade parisiense: Youki se apaixona pelo poeta Robert Desnos (1900-1945), grande amigo do casal, o que leva Foujita a se refugiar nos braços da bela ruiva Madeleine Lesqueux, modelo, cantora, dançarina, conhecida como Mady - ou Mad. Ela vem com Foujita ao Brasil. Em outubro de 1931, o pintor escreve carta de despedida a Youki, e em seguida embarca (com Mad) para o Rio de Janeiro: “Não tenho mais forças para continuar lutando em Paris ... Deixa-me ter a vida simples com que sempre sonhei ... Agora você tem em Robert fiel amigo ... que tomou o meu lugar e para ele você é a pessoa mais querida do mundo.”⁷

Mas não foi exatamente uma vida simples a que Portinari mostrou a Foujita no Rio, não no final de 1931. A cidade estava em mutação. Na Lapa as ações policiais já enfrentavam a malandragem; na Avenida Central, a elegante artéria européia da cidade, um luxuoso Palace Hotel (demolido em 1950; hoje seu espaço é ocupado pelo edifício Marquês de Herval, com projeto arquitetônico do arquiteto Maurício Roberto) funcionava como ponto de encontro de artistas, intelectuais, colecionadores de arte, e jornalistas. No Palace Hotel foram realizadas muitas exposições de grandes artistas, como Oswald Goeldi (em 1927) e Lasar Segall (1928); Portinari, Ismael Nery e Tarsila expõem em 1929; e em 1930, Vicente do Rego Monteiro coordena no hotel uma exposição que apresentava trabalhos de vários artistas de Paris: são mostradas obras de Fernand Léger (a quem Portinari é rotineiramente comparado) e de



(Fig. 3) Ismael Nery, *Exposição Foujita no Palace Hotel*, detalhe; 1931, aquarela sobre papel, Coleção Fadel, RJ. No centro, Foujita e Portinari; à direita de Portinari, Mad.

Picasso, assim como de Georges Braque e Raoul Dufy, e também de André Lhote (com quem Tarsila estudou), Vlaminck, etc. O impacto de toda essa modernidade pictórica parisiense, exposta em 1930 no Palace Hotel, não parece entretanto ter sido muito bem assimilada e pode ter passado um pouco despercebida pelos cariocas. O que não aconteceu com a exposição de Foujita no Palace Hotel, amplamente noticiada e visitada.

O espaço da arte é também dos prazeres, principalmente dos prazeres, tanto em Paris quanto no Rio. “Aqui dança-se, canta-se, fala-se / E bebe-se incessantemente”, diz Manuel Bandeira (que conheceria Foujita, que por sua vez faria uma caricatura do poeta) no conhecido *Rondó do Palace Hotel*. Não só as artes circulavam no *hall* do Palace, mas também, como se dizia na época, as *francesas*. Foujita não acharia graça em beber incessantemente porque não bebia nunca (provavelmente ele foi o único abstêmio de Montparnasse...) mas certamente Mady atrairia as atenções. Afinal, uma bela ruiva, modelo, e francesa... no *hall* do Palace... Bandeira capta bem no poema o tipo de fascínio que as belas *francesas* freqüentadoras do Palace podiam exercer:

Deus do céu, que alucinação!
Há uma criatura tão bonita
Que até os olhos parecem nus:
Nossa Senhora da Prostituição!
- “Garçom, cinco martinis!” Os
Adolescentes cheiram éter
No hall do Palace.⁸

No Rio a imprensa se dedicou tanto a Mady quanto a Foujita; talvez se tenham feito mais ressalvas a ele do que a ela. Na revista *Fon-Fon*, na coluna *Notas de Arte*, por exemplo, o jornalista Oscar d’Alva escreveu sobre a exposição de Foujita, que desdenhosamente critica :

(...) não nos impressiona ... não lhe achamos nenhum excepcional poder sugestivo... (seus quadros) ... não nos emocionam, muitas vezes não despertam nem mesmo a emoção que a legenda sugere... Outras produções, ainda que expressem o conceito das legendas, fazem-no, por assim dizer, friamente: não nos comunicam nenhuma sensação verdadeiramente artística... nota-se-lhe algo de monótono ... Monotonia ainda nos objetos de idealização... O resultado ... é interessante... mas francamente, pelo menos para a nossa sensibilidade, não tem nenhum especial valor emotivo. Fujita pode ser um pintor original, mas não acreditamos que seja um grande pintor...⁹



(Fig. 4) Foujita, estudos de mão e de rosto de Madeleine, desenho e tinta sobre papel, final de 1931 (trabalhos expostos no Palace Hotel).

No centro cultural da PUC-Rio, no chamado solar Grandjean de Montigny, estão duas das muitas caricaturas que Foujita fez no Brasil. Os dois desenhos pertencem ao acervo do Projeto Portinari, que a PUC-Rio hospeda e abriga no seu *campus*, no edifício que Montigny – como Foujita, outro visitante de cultura francesa, um século longo antes - projetou, construiu e habitou. Foujita se sentiria bem por ter dois desenhos seus em museu de universidade católica, porque posteriormente ele se converteu ao catolicismo. Foi batizado em Reims,

com o nome Leonardo – em homenagem à renascença italiana - na catedral em que costumavam ser sagrados os reis franceses. Até hoje a Chapelle Foujita - em Reims; inteiramente revestida por afrescos pintados por ele - atrai muitos visitantes. As caricaturas no Projeto Portinari no entanto nada têm de religioso. Numa delas, Maria Portinari está sentada na perna do seu marido, que lhe pede que telefone para Foujita em São Paulo, dizendo que volte ao Rio para o carnaval. Na outra caricatura, Foujita carrega Mady sentada em suas costas, trazendo ainda uma maleta com seus nomes; foi desenhada no final de uma das cartas remetidas de São Paulo, ao lado da inscrição *attendez nous nous arrivons*. Alguns dias depois Portinari recebe um telegrama dos dois: *Arrivons dimanche matin 9 heure viens gare amitiés Foujita*.



(Fig. 5) Foujita, auto-retrato/caricatura, c/ Mad, desenho; em carta p/ Portinari, possivelmente início de 1932 (acervo do Projeto Portinari, PUC-Rio).



(Fig. 6) Fougjita, caricatura de Maria e Cândido Portinari; desenho em tinta, c/aquarela; em carta sem data, possivelmente início de 1932 (acervo do Projeto Portinari, PUC-Rio).

Fougjita e Mad não gostaram muito de São Paulo, a julgar pela correspondência tida com Portinari, escrita pela mão tanto de Mad quanto de Fougjita:

Mon cher Candide et Maria,

São Paulo votre pay (sic ... - o francês de Fougjita tem inúmeras incorreções) beaucoup moins beau que Rio. Il y a trop de mandiants, le pavée de la rue est mauvais, il pleue sans arretes, j'attrape mal au cou, mal au dos, il n'y a pas l'endroit pour exposition ... on mange mal et on dors bien. Mais très froid

Na viagem para São Paulo somem um anel grande e uma caneta de prata de Fougjita:

(...) quand nous sommes arrivé, nous avons decouverte disparation de mon gros bague et mon stylo (argent), j'ai mis toujours dans la petite valise jaune, certainement mysterieux - c'est dommage - ne parlez pas personne. c'est bizarre - n'est pas?

Foujita esquece no Rio um martelo de estimação,

(...) J'ai oublié chez vous probablement dans la cuisine un marteau que j'ai depuis 18 ans si vous avez trouvé je vous en prie m'envoyez moi tout de suite, car j'ai besoin.

Ao contrário do anel e da caneta, o martelo será encontrado e devidamente despachado. Com o martelo Foujita acabou de esticar as telas para sua exposição em São Paulo, em uma galeria do Museu de Belas Artes, que é um sucesso, como ele escreve a Portinari:

(...) l'exposition bat son plein jamais nous n'aurions pensé avoir tant de monde – depuis deux jours que c'est ouvert nous avons vendu quatre grandes toiles, compris ... portrait au carnaval acquit par le consul du Japon et trois dessins pour le 2 eme jours c'est plus fort que Rio – c'est la récompense d'avoir travaillé.

Nas exposições no Rio e em São Paulo, Foujita mostrou alguns trabalhos trazidos já prontos, e muitos outros feitos no Brasil: desenhos a lápis e tinta de gatos, muitos gatos, diversos gatos, e de Mad, vista de vários ângulos e em várias poses; e um auto-retrato. No Rio, encontrou na rua três garotos de colégio e convidou-os para posar. A matéria de página inteira de *A Noite Ilustrada* revela os detalhes:

(...) Foujita, uma tarde destas, surpreendeu-nos com sua visita. Entrou na redacção da "NOITE Ilustrada", acompanhado por sua esposa, uma francezinha loura como uma boneca de Leipzig, cheia de vivacidade e de "charme"... No dia seguinte retribuimos a visita do artista japonês ... Encontramos-o a pintar no seu apartamento, sentado sobre as pernas, numa atitude caracteristicamente japonesa. Os modelos eram tres alumnos da Escola Marechal Deodoro. Foujita, passeando pela cidade, encontrou-os ... Gostou dos typos e convidou-os a "posar". E os garotos aceitaram, com infinito prazer, a "brincadeira" de Foujita...¹⁰



(Fig. 7) Fojita pintando os alunos da Escola Marechal Deodoro (sem identificação de autor).

A revista *O Cruzeiro* também deu ampla publicidade a Fojita. Duas reportagens em um mês (!) enfocam o dia a dia do casal no Rio. Os títulos das reportagens são tão *art déco* quanto a tipografia usada nas manchetes: “Na intimidade do pintor de mulheres e de gatos” (por Ada Macaggi) e “Quando os pincéis tremem de ternura e de deslumbramento” (por Clementino de Alencar). A reportagem de Ada Macaggi incorpora fotografias de Fojita fazendo a barba, e de Madeleine vestida com um kimono; já a reportagem de Clementino de Alencar publica, entre as ilustrações, uma reprodução do auto-retrato, “o qua-

dro principal de Foujita para sua próxima exposição no Rio de Janeiro”, segundo a legenda.¹¹

Se a passagem de Foujita pelo Rio, por dois ou três meses, foi breve, foi também marcante. Seu nome ficou associado ao Rio e à intelectualidade carioca, aos artistas, e, claro, à boêmia. E o Brasil por sua vez também marcou Foujita, que, de volta ao Japão em 1934, pintou seu trabalho mais audacioso: um grande mural encomendado pela Casa do Café do Brasil em Tóquio. A composição retratava as vidas e as lendas em uma plantação de café, com figuras em tamanho natural. A Casa do Café do Brasil foi bombardeada durante a segunda guerra, mas algumas fotografias do mural mostram os tipos humanos pintados por Foujita: trabalhadores no campo, os latifundiários, músicos, e até turistas. Em 1941, ainda em Tóquio, Foujita escreve a Portinari, para apresentar o artista Kaminagai:

(...) quand à moi beaucoup de changement, je suis rentré de Europe il y a un ans, déjà j'ai 56 ans ... aujourd'hui je te presente un ami très gentil artiste également ... Kaminagai, qui sera enchanté de connaitre ton pay magnifique et si tu as un peu de temps faite lui gentilles...

Rubem Braga foi visitar o pintor em Paris, em 1950:

(...) Quando sabe que somos brasileiros, sorri, manda entrar, sentar. A maior parte dos quadros que estão na parede já conheço de sua última exposição... O Brasil... (ele) se lembra de tanta coisa, tanta gente. Vai desencavar do fundo de uma pilha de quadros um óleo grande, feito no Rio; são quatro ou cinco mulheres de várias raças. A composição é sólida, o quadro tem mais realidade que os de hoje. Guardou isso do Brasil, mais uma negra baiana em aquarela e alguns desenhos feitos em São Paulo; mostrará em outra visita que lhe fizermos... Na parede há um retrato seu, muito jovem; é um desenho simples e seguro, com alguma coisa de especial, uma qualidade, um ritmo. O amigo que o fez em 1919 não lhe deu muita importância, nem sequer assinou: chama-se Modigliani. ... Fujita nos leva à porta, dizendo em português: - Obrigado.¹²



(Fig. 8) Cândido Portinari, retrato de Fougjita (11-1-1932); desenho a grafite/papel.



(Fig. 9) Fougjita, caricatura de Manuel Bandeira; desenho em tinta/papel, datado 1932 e anotado: à *Grand Bandeira, a même âge que moi.*

A morte de Foujita, em 1968, foi reverenciada pela publicação de muitos artigos na imprensa carioca. Uma das matérias, “Montparnasse Perdeu o Seu Último Rei: Fujita”, em *O Globo*, menciona os três meses passados no Brasil, e as exposições no Rio e em São Paulo, acrescentando que Foujita “gostava de passear pelo ‘bas-fond’, tendo pintado um quadro cujo modelo foi uma alegre dama local...” Empolgado com o carnaval carioca, pediu que Portinari o levasse ao curso de Vila Isabel, onde, fantasiado, desfilou ao lado dos foliões. A reportagem ainda revela que por volta de 1955 Foujita se naturalizou francês e se casou com... Kimiyo, “(...) jovem japonesa, que conseguiu cativar para sempre o antigo ‘Foufou’ que havia tido tantas aventuras.”¹³

Notas

* Nossos agradecimentos à indispensável pesquisa, feita na Biblioteca Nacional, por minha aluna, colega e amiga, Regina Sá; e à Angela Chagas, do Projeto Portinari, na PUC-Rio, que nos mostrou a curiosa correspondência Portinari-Foujita. Sem a ajuda de vocês este artigo não teria vida.

1. KLÜVER, Billy e Martin, Julie. *Kiki's Paris – Artists and Lovers 1900-1930*, EUA, Harry N. Abrams, Inc., Publishers, N.Y., p. 56; e cf. a “experiência” de Flávio de Carvalho em São Paulo, de saia.

2. Id., *ibid.*

3. Op. cit., p. 180.

4. Op. cit., p. 191.

5. Op. cit., p. 97; e cf. situação parecida, vivida por Victor Hugo durante a primeira representação de sua peça *Hernani*: no intervalo entre o quarto e o quinto atos, o editor Mame procura Victor Hugo e lhe faz uma proposta: 5.000 francos pelos direitos de autor. Hugo leva um susto com a alta soma proposta e diz que o êxito da peça ainda não está assegurado. Segundo André Maurois, Mame teria respondido: “No segundo ato, pensei em oferecer-lhe dois mil, no terceiro, quatro mil. Agora, ofereço-lhe cinco mil. Quem sabe se depois do quinto ato, não teria de lhe oferecer dez mil?”

6. Op. cit., p. 150.

7. Op. cit., p. 201.

8. BANDEIRA, Manuel. *Obras completas*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

9. D’ALVA, Oscar. in *FON-FON*, Rio de Janeiro, 02/01/1932.

10. A NOITE ILUSTRADA, Rio de Janeiro, 25/11/1931.

11. O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 12 e 26/12/1931.

12. BRAGA, Rubem. Crônica em *Manchete*, Rio de Janeiro, 6/11/1965.

13. O GLOBO, Rio de Janeiro, 31/01/1968.

Resumo

O artigo buscou reconstituir um momento da história cultural do Rio de Janeiro: a visita do pintor Foujita no final de 1931. Convidado por Portinari, que havia conhecido em Paris, Foujita faz duas exposições no Brasil (no Rio e em São Paulo) e depois de alguns meses no Rio continua sua viagem pela América, guardando entretanto dos brasileiros ótimas lembranças. O primeiro grande mural de Foujita, alguns anos depois, é inspirado pela lavoura do café. Ilustrações (caricaturas, material de imprensa) complementam o texto.

Palavras-chave

Léonard-Tsuguharu Foujita, Cândido Portinari, Rio de Janeiro, Palace Hotel.

Résumé

L'article essaye de reconstruire un moment de l'histoire culturelle de Rio de Janeiro caractérisé par la visite du peintre Foujita, amené par Portinari en 1931. Pendant quelques mois ce maître de l'ainsi nommée École de Paris a vécu parmi les peintres, poètes et intellectuels de Rio, ou il a fait une exposition. Quelques images de presse, des journaux parisiens et brésiliens, ainsi que deux caricatures dessinées par Foujita au Brésil, complètent l'aperçu.

Mots-clés

Léonard-Tsuguharu Foujita, Cândido Portinari, Rio de Janeiro, Palace Hotel.